

WASHINGTON REACENDE A GUERRA FRIA ENERGÉTICA PARA QUEBRAR OS BRICS

Os EUA, na estratégia de Trump, usam sanções de petróleo contra a Rússia para desestabilizar os BRICS; o objetivo é dividir Índia e China de Moscou – mas a ordem multipolar persiste apesar da pressão americana.

Olivier d'Auzon*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial

Através de um gesto aparentemente técnico, os Estados Unidos estão tentando transformar o petróleo em um instrumento diplomático. Um velho estratagema de poder, servido com molho Trump.

Washington nunca deixou de usar a energia como arma geopolítica. Mas a nova rodada de sanções contra a Rússia, a primeira do segundo mandato de Trump, traz uma ambição muito mais ampla: não sufocar Moscou, mas deslocar o coração energético do bloco BRICS, formado em particular pela Rússia, Índia e China.

Sob o pretexto de “*punir a agressão russa*”, a Casa Branca pretende na verdade criar fissuras na solidariedade econômica que, nos últimos anos, foi a força desta aliança alternativa à ordem ocidental.

UMA ESTRATÉGIA DE DILEMA

Os estrategistas americanos sabem que quando se trata de petróleo, tudo se resume à psicologia e às margens. A Índia e a China ainda importam maciçamente petróleo russo, mas os seus laços comerciais com Washington continuam a ser muito mais vitais do que o seu comércio com Moscou. Em um mundo onde o barril ainda dita a diplomacia, o medo de represálias econômicas americanas pesa muito.

A equação é simples: pagar menos pelo ouro negro russo, correndo o risco de incorrer em sanções secundárias aos seus bancos e indústrias; ou pagar mais em outro lugar, para permanecer nas boas graças do gigante americano. Resultado: um dilema do prisioneiro em escala global.

E neste jogo de xadrez, cada jogador teme ver o outro – Pequim ou Nova Délhi – aproximar-se rápido demais de Washington. O cálculo se torna perverso: é melhor obedecer parcialmente, fingir resistência e esperar passar a tempestade midiática.

TRUMP, DIRETOR DA DESORDEM

Donald Trump nunca escondeu a sua obsessão: dismantelar o “*mito dos BRICS*”. Aos seus olhos, esta coligação é apenas uma ficção de analistas, uma fantasia de multipolaridade brandida contra a supremacia americana. Ao exibir a queda nas importações russas provenientes da China (-8%) e da Índia (-14%), Washington pretende mostrar ao mundo que a unidade do Sul Global é uma ilusão.

Não importa que essas reduções sejam cíclicas. O que importa é a narrativa: a de uma América triunfante, capaz de romper um bloco supostamente antiocidental. A imagem é suficiente. A óptica substitui a geopolítica.

MOSCOU, A SOBREVIVENTE DO BARRIL

A Rússia não tem falta de recursos. Sua “operação especial” não irá parar por alguns

pontos de PIB perdido. O Kremlin ainda dispõe de uma confortável caixa de guerra e de saídas asiáticas ou africanas que, mesmo limitadas, garantem a sobrevivência do sistema. Se a Índia ou a China reduzirem suas compras, outros clientes – do Golfo à África Austral – assumirão o controle, a preços reduzidos.

Moscou conhece bem esse jogo. Desde 2014, as sanções não arruinaram a economia russa: tornaram-na mais duradoura, mais inventiva, às vezes até mais cínica.

A ILUSÃO DA VITÓRIA AMERICANA

Washington poderá certamente declarar vitória nas colunas dos seus *think tanks*: os BRICS parecerão menos unidos, as relações russo-chinesas menos fluidas, as trocas energéticas mais incertas. Mas atrás da janela a estrutura do mundo não muda.

A energia continua a ser a moeda do poder e o petróleo não obedece a nenhuma bandeira. A manobra americana talvez consiga quebrar a imagem de um bloco unido – e não impedir a realidade: uma ordem multipolar que avança, seja como for, na desordem do mundo.

Em suma, os Estados Unidos estão repetindo a velha história do petróleo como instrumento de coerção. Mas o mundo de 2025 já não é aquele da década de 1970. A geopolítica energética deixou de ser monopólio ocidental. E a América, ao querer dividir os BRICS, arrisca-se a oferecer-lhes o que sempre procuraram: a prova de que o Sul Global existe, precisamente porque é perturbador.

Publicado no [Le Diplomate.Média](#)

**Olivier d'Auzon é consultor jurídico da ONU e conselheiro de Segurança Marítima e especialista jurídico em transporte da União Europeia e Banco Mundial. É pós-graduado em Estudos de Energia Marítima na Lloyd's World Maritime Academy, mestre em Direito Privado, Contratual e Empresarial pela Université Panthéon Assas (Paris II) e possui doutorado em Transporte e Distribuição Internacional e Transporte Aéreo e Marítimo pela Université Panthéon Sorbonne (Paris I).*
